



*Trabalho realizado por:*

*Alexandre Fernandes*

*Nuno Pereira*

*Rodrigo Fontoura*

*No âmbito da disciplina de História e Filosofia da Educação  
leccionada no primeiro semestre do ano lectivo de 1999/2000 pela  
Professora Olga Pombo.*

*“Fui para os bosques para viver livremente,  
para sugar o tutano da vida,  
para aniquilar tudo o que não era vida,  
e para, quando morrer, não descobrir que não vivi.”*

Thoreau

# Introdução

Se nos detivermos a olhar o panorama cinematográfico deparamos com alguns filmes que escolhem por tema a escola. Mas, em geral, é em torno do tema da disciplina (ou da indisciplina) que o argumento se constroi. A quantidade de filmes que se debruçam sobre o próprio processo de ensino pode-se considerar ínfima. Só por isto, é justificável o interesse pelo “Clube dos Poetas Mortos”. Deixando de lado a questão (discutível) da qualidade desse filme como obra cinematográfica, o que sobretudo nos interessa é realçar a existência de um filme que tenta reflectir sobre este tema. Não é tanto a análise desta película de um ponto vista técnico ou artístico que nos propomos. Também não pretendemos fazer uma crítica à obra em si, como um todo. O nosso objectivo é claramente mais direccionado. Um olhar sobre as questões educativas que este filme coloca.

O que não exclui que incluamos, em anexo, algumas críticas de índole cinematográfica.

## Resumo do filme

O filme “Clube dos Poetas Mortos” relata a história de um professor de literatura e dos seus alunos num colégio interno marcadamente elitista e com uma disciplina muito rígida.

As aulas do professor Keating são dadas de forma considerada pouco ortodoxa no colégio. Keating apela para valores como a liberdade de pensamento e de expressão que colidem frontalmente com os que são defendidos no colégio.

Entusiasmados com o lema “Carpe diem” (aproveita o dia) proclamado pelo professor, os alunos ganham coragem para experimentar desafios e experiências que nunca antes ousariam enfrentar. À semelhança do que o professor Keating fizera na juventude, sete dos seus alunos criam o “Clube dos Poetas Mortos”. O clube reúne furtivamente à noite, numa gruta, nas imediações do colégio. O grande tema é a poesia.

O suicídio de um jovem, brutalmente reprimido pelo pai na sua vocação, vai desencadear uma situação de confronto entre a direcção do colégio e o professor Keating acusado de instigar os seus alunos à desobediência. O professor é expulso e direcção do colégio toma medidas para que tudo volte à normalidade.

# Ficha Técnica

**Estados Unidos da América, 1989.**

**Título original:** «Dead Poets Society».

**Realizador:** Peter Weir.

**Produtores:** Steven Haft, Paul Junger e Tony Thomas.

**Produção:** Touchstone pictures, Silver Screen Partners IV, Witt-Thomas Production.

**Distribuição:** Warner Bros.

**Argumento:** Tom Shulman.

**Director de produção:** Duncan Henderson. **Administrador de produção:** Michael J. Meehan.  **Casting:** Howard Feuer.  **Assistentes de realização:** Alan B. Curtiss, B.Thomas Seidman, Brian T. Fong, John Rusk.  **Direcção de Fotografia:** John Seale.  **Cor:** Metrocolor.  **Operador de câmara:** Stephen Shank.  **Montagem:** William Anderson, Lee Smith, Priscilla Nedd.  **Desenho de Produção:** Wendy Stites.  **Direcção Artística:** Sandy Veneziano.  **Cenários:** Carleton E. Reynolds e John Anderson.  **Efeitos especiais:** Allen Hall, Gary L. Karas.  **Construção da gruta:** Alexander Scutti Jnr.

**Música:** Maurice Jarre.  **Excertos musicais:** “Water Music”: Suite III em Ré Maior Allegro de Georg Frideric Handel, executada pela Orquestra de Câmara de Stuttgart, dirigida por Karl Munchinger; “Sinfonia Nº9 em Ré menor”, Op. 125 de Ludwig van Beethoven, executada por Fritz Reiner e pela Orquestra Sinfónica de Chicago; “Concerto de Piano Nº5 em Mi# Maior”, Op.73 “Emperor” de Ludwig van Beethoven, executada por Wilhelm Kemipff com a Orquestra Filarmónica de Berlim.  **Direcção musical:** Dan Carlin Snr., Triad Music, Inc.  **Canções:** “The Battle of New Orleans” de Jimmie Driftwood; “Let’s Have a Party” de Jessie Mae Robinson, executada por Wanda Jackson; “Stranded in the Jungle” de Al Curry, James Johnson, Ernestine Smith, executada pelos The Cadets; “Hey Little Girl” de Henry Roeland Byrd, executada pelo Professor Longhair; “Rainbow Voice” de e executada por David Hykes; “Ridgeway Fight Song” de Jerry Rehberg; “The Fields of Anthenry” de Pete St. John; “Sound Off” de Willie Lee Duckworth, Bernard Lentz.

**Guarda-roupa:** Eddie Marks.  **Custureiros:** Marilyn Matthews, Anthony J. Scarano.  **Maquilhagem:** Susan A. Cabral.  **design:** Neal Thompson, Cinema Research Corp.  **Chefe de produção:** Alan Splet.  **Assistente de produção:** (Australia) Peter Townend, (supervisão do diálogo) Karen Spangenberg, (diálogo) Gloria D’Alessandro, Michael Silvers, Barbara McBane.  **Gravação de som:** Charles Wilborn.  **Dolby stereo. Re-gravação de som:** Michael Kohut, Aaron Rochin, Carlos DeLarios (Australia) Phil Judd, Joel Moss, Record Plant Scoring.  **Edição de efeitos de som:** Ann Kroeber, John Verbeck.  **Efeitos de som:** Robert Shoup.  **Conselho Técnico:** Lisa Birnbach.  **Assistentes pessoais:** Leigh Feitelberg, Jay Gibson, Daniel S. Kudart.

**Cor. Duração:** 129 minutos

**Classificação:** maiores de 12 anos

**Intérpretes:**

Robin Williams.....	John Keating
Robert Sean Leonard.....	Neil Perry
Ethan Hawke.....	Todd Anderson
Josh Charles.....	Knox Overstreet
Gale Hansen.....	Charlie Dalton
Dylan Kussman.....	Richard Cameron
Allelon Ruggiero.....	Steven Meeks
James Waterston.....	Gerard Pitts
Norman Lloyd.....	Senhor Nolan
Kurtwood Smith.....	Senhor Perry
Carla Belver.....	Senhora Perry
Leon Pwnhall.....	MsAllister
George Martin.....	Dr. Hager
Joe Aufiery.....	Professor de Química
Matt Carey.....	Hopkins
Kevin Cooney.....	Joe Danburry
Jane Moore.....	Senhora Danburry
Lara Flynn Boyle.....	Ginny Danburry
Colin Irving.....	Chet Danburry
Alexandra Powers.....	Chris Noel
Melora Walters.....	Gloria
Welker White.....	Tina
Steve Mathios.....	Steve
Allan Pottinger.....	Bubba
Pamela Burrell.....	Professora
Allison Hedges.....	Actor/Peça
Christine D'Ercole.....	Titania
John Cunningham.....	Senhor Anderson
Debra Mooney.....	Senhora Anderson
John Martin Bradley.....	Gaita-de-foles (Instr.)
Charles Lord.....	Senhor Dalton
Kurt Leitner.....	Lester
Richard Stites.....	Stick
James J. Christy.....	Spaz
Catherine Soles.....	Directora de cena
Hoover Sutton.....	Professor de Welton
James Donell Quinn.....	Aluno da procissão
Simon Mein.....	Capelão de Welton
Ashton W. Richards.....	Prof. de Educ. Física
Robert Gleason.....	Pai de Spaz
Bill Rowe.....	Porteiro
Robert J. Ziggler III.....	Beans
Keith Snyder.....	Russell
Nicholas K. Gilhool.....	Shroom
Jonas Stiklorius.....	Jonas
Craig Johnson.....	Dewey
Chris Hull.....	Ace
Jason Woody.....	Woodsie
Sam Stegeman.....	Sam
Andrew Hill.....	Estudante veterano

## Os Prémios de “Dead Poets Society”

### Óscares

Venceu em:

**Melhor Argumento – Tom Schulman**

Foi nomeado para:

**Melhor Actor – Robin Williams**

Vencedor – Daniel Day-Lewis em *My Left Foot*

**Melhor Produção – Steven Haft, Paul Junger e Tony Thomas**

Vencedor – Richard D. Zanuch e Lili Fini Zanuch em  
*Driving Miss Daisy*

Melhor Realizador – Peter Weir

Vencedor – Oliver Stone em *Born On The Fourth Of July*

### Globos de Ouro

Foi nomeado para:

Melhor Actor - Robin Williams

Vencedor – Tom Cruis e em *Born On The Fourth Of July*

Melhor Filme – *Dead Poets Society*

Vencedor – *Born On The Fourth Of July*

Melhor Realizador – Peter Weir

Vencedor – Oliver Stone em *Born On The Fourth Of July*

Melhor Argumento – Tom Schulman

Vencedor – Oliver Stone e Ron Kovic em *Born On The Fourth Of July*

# Os Intérpretes

## **Robin Williams (John Keating)**

**Robin Williams** interpreta neste filme o papel do professor irreverente (John Keating) que traz uma nova concepção de vida para o interior de um colégio interno com uma disciplina muito rígida.



**Robin Williams** nasceu a 21 de Julho de 1952.

Começa a sua carreira como comediante secundário. O seu primeiro papel foi como o alienígena em *Mork and Mindy*. Não obstante a maioria das pessoas identificar o *Clube dos Poetas Mortos* (*CPM*) como o seu primeiro trabalho sério, Williams já tinha provado a sua aptidão para representar em filmes como

*The World According to Garp*, *Moscow on the Hudson* e *Seize the Day*.

A seguir ao *CPM*, entra em alguns filmes memoráveis como *Good Morning Vietnam*, *Awakenings*, *The Fisher King*, *Alladin*, *Mrs. Doubtfire* e o filme onde ganhou um Óscar: *Good Will Hunting*.

## **Robert Sean Leonard (Neil Perry)**

**Robert Sean Leonard** interpreta o papel de aluno (Neil Perry) que maior admiração demonstra pelas aulas do professor Keating. O seu desejo de ser actor vai estar na origem de um grave conflito geracional com o pai.



**Robert Sean Leonard** nasceu a 28 de Fevereiro de 1969.

O seu primeiro papel foi no «clássico» *My Best Friend is a Vampire*. Depois de *CPM*, teve participações menores em *Mr. and Mrs. Bridge* e *The Age of Innocence*, mas também alguns papéis maiores em *Swing Kids*, *Much Ado About Nothing*, *Married to It* e *Safe Passage*.

Recentemente, participou em *Killer: A Journal of Murder*, onde representa um guarda prisional que se torna amigo de um preso perigoso representado por James Woods. Os seus filmes mais recentes são *In the Gloaming*, dirigido por Christopher Reeve, *Prairie Fire* e *The Last Days of Disco*.

## **Ethan Hawke** **(Todd Anderson)**

**Ethan Hawke** interpreta o papel do aluno tímido, recém chegado ao colégio. Vai ser alvo de um grande investimento por parte do professor Keating que o pressiona com o intuito de o libertar da timidez e repressão interiorizada que o habitam.

**Ethan Hawke** nasceu a 6 de Novembro de 1970.

*CPM* foi um dos seus primeiros papéis. O seu primeiro trabalho foi em *Explorers* onde contracenou com River Phoenix. A

partir daí actuou em vários filmes bem recebidos como *White Fang*, *A Midnight*



*Clear, Alive, Reality Bites* e *Before Sunrise*. As suas participações mais recentes incluem o «inválido» no futurístico *Gattaca* e Finn (aka Pip) em *Great Expectations*.

## **Josh Charles** **(Knox Overstreet)**

**Josh Charles** interpreta o papel do jovem apaixonado. Depois de uma visita a casa dos Dunberry, apaixona-se por Chris. Sob forte influência da máxima “Carpe diem”, ganha coragem para conquistar Chris mesmo sabendo que ela está noiva.

**Josh Charles** nasceu a 15 de Setembro de 1971.

Depois de *CPM* participou no telefilme. *Murder in Mississippi*, no filme intitulado



*Don't Tell Mom the Babysitter's Dead*, em *Threesome* e em *Norma Jean and Marilyn*. O seu mais recente trabalho foi na série televisiva *Sports Night*

## **Gale Hansen (Charlie Dalton)**

**Gale Hansen** interpreta o papel do aluno irreverente. É ele que acaba por ser o mais castigado pelo colégio.

**Desde** *CPM*, participou em alguns filmes de menor importância, incluindo *The Finest Hour* com Rob Lowe. A sua última representação foi numa mini-série para televisão *Class of '96* que foi emitida em 1993.



## **Allelon Ruggiero (Steven Meeks)**

**Allelon Ruggiero** interpreta o papel de bom aluno, em grande parte complacente para com a instituição, com excelentes conhecimentos de latim e que se prepara para uma bem sucedida carreira de engenharia.

**Desde** *CPM*, actuou em *Mannequin 2: On The Move* e teve pequenas participações em *Thinner* e no filme de Denzel Washington, *Fallen*. Também participou e realizou um pequeno filme intitulado



*Lost* que foi incluído nas séries *Independent Images*.

## **James Waterston (Gerard Pitts)**

**James Waterston** interpreta o papel de bom aluno, interessado em engenharia tal como Meeks.

**Filho** do actor Sam Waterston (de *The Killing Fields* e da série televisiva *Law and Order*). *CPM* foi o seu único papel cinematográfico até agora.



**Dylan Kussman**  
**(Richard Cameron)**

**Dylan Kussman** interpreta o papel de aluno respeitador das regras impostas pelo colégio. Mostra-se sempre incapaz de compreender a mensagem de Keating.



**Desde** *CPM*, teve alguns papéis em *Wild Hearts Can't Be Broken* e em *Journey of Honour*. Em 1998 escreveu o guião do filme *Burn*.

**Alexandra Powers**  
**(Chris Noel)**

**Alexandra Powers** interpreta o papel da rapariga desejada pelo jovem Knox.

O seu primeiro papel foi na série televisiva *The Day After*. Também teve uma pequena participação em *Mask* (com Eric Soltz e não com Jim Carey) e nas séries *L.A. Law* e *21 Jump Street*. Depois de *CPM* participou em *The Seventh Coin* juntamente com Peter O'Toole e teve pequenas actuações em *The Player* e em *Rising Sun*. Em 1994, representou Tonya



Harding no telefilme *Tonya & Nancy: The Inside Story*. As suas mais recentes aparições foram em *Last Man Standing*, com Bruce Willis e na comédia de Walter Matthau / Jack Lennon, *Out to Sea*.

## **Kurtwood Smith (Senhor Perry)**

**Kurtwood Smith** interpreta o papel de pai feroz e intransigente de Neil Perry . Ele tem o futuro inteiramente traçado para o seu filho e não admite qualquer alteração aos seus planos.

**Nasceu** a 3 de Julho de 1942.

Na memória de muitos como o psicótico vilão em *Robocop*, apareceu em vários filmes de acção em papéis secundários, tais como, *Rambo III*, *Under Siege II* e em *Broken Arrow*. Foi praticamente irreconhecido em *Star Trek VI: The Undiscovered Country* onde representou



papel de Presidente da Federação. Participou também no filme *Deep Impact*, onde fez de controlador de terra que tentava evitar os asteróides e na série televisiva *That '70s Show*

## **Leon Pownall (Professor McAllistar)**

**Leon Pownall** interpreta o papel do professor de Latim. De entre todos os professores do colégio, é aquele que mais abertura manifesta face ao novo professor e mais permeável se mostra quanto às suas posições e atitudes.

**Leon Pownall** participou em vários filmes canadianos como *Termini Station*, *Bye Bye Blues* e em *Angel-Square*.



Actuou também nos telefilmes *Spencer: The Judas Goat*, *How the West Was Fun* e em *Hostile advances: The Kerry Ellison Story*.

## **Norman Lloyd (Mr. Nolan)**

**Norman Lloyd** interpreta o papel de director do Colégio de Welton. Representante máximo da instituição, é o adversário principal de Keating.



**Norman Lloyd** nasceu a 8 de Novembro de 1914.

Começou a sua carreira com Alfred Hitchcock, *Saboteur* e *Spellbound*. No entanto, é talvez mais conhecido pela sua participação na série televisiva *St. Elsewhere*. Desde *CPM*, actuou em *The Age of Innocence* e em *The Omen*.

Também apareceu em numerosas séries televisivas como: *Murder She Wrote*, *Wiseguy*, *Star Trek: The Next Generation*, *Wings* e em *Seven Days*.

## Resumo do filme

Este filme decorre num desses colégios internos de grande prestígio que têm por principal objectivo formar as futuras elites.

Situado no coração de Vermont, nos EUA, o colégio de Welton rege-se pelas palavras de ordem: “tradição”, “disciplina”, “honra” e “excelência”, que os estudantes carregam nos estandartes na cerimónia de abertura do ano lectivo. Os pais acompanham os alunos nesta cerimónia como forma de expressar a transferência que fazem para esta conceituada escola da missão de educar os seus próprios filhos.

É durante essa cerimónia de abertura do ano que o director do colégio, Mr. Nolan apresenta o novo professor de Inglês, John Keating, ele próprio um antigo aluno de Welton.

Com o começo do novo ano surgem caras novas. Todd Anderson é apresentado aos seus novos colegas pelo companheiro de quarto, Neil Perry.

Os estudantes voltam ao seu ritmo habitual. Combinam grupos de estudo, falam do ano anterior e preparam-se para mais um ano que aí vem.

Na primeira aula, Keating convida os alunos a tratarem-no por “*Oh Captain, my Captain!*”. Pede-lhes para o seguirem até ao corredor onde observam fotografias de antigas turmas de Welton. Nessa altura, declara a sua exuberante concepção de vida, pedindo aos alunos que se aproximem e que escutem o conselho dos seus antecessores. Os estudantes habituados a obedecer, aproximam-se. Keating murmura: “ *Carpe Diem*, estão a ouvir? *Carpe... Carpe Diem...Aproveitem o dia, meus amigos...tornem as vossas vidas extraordinárias...*”

Na aula seguinte, Keating lê com os alunos um excerto da introdução de um livro de Inglês. Trata-se de uma análise supostamente científica de um texto poético. Como forma de contestação à abordagem feita à poesia pelo autor do manual, Keating manda os alunos arrancarem as páginas da introdução do livro. Como então defende a poesia não se mede. Tem que ser



vivida. Reúne os alunos à sua volta e explica, com paixão, porque é que a poesia é essencial: “Não lemos e escrevemos poesia porque é ‘giro’. Lemos e escrevemos poesia porque somos membros da raça humana. E, como tal, estamos cheios de paixão”.

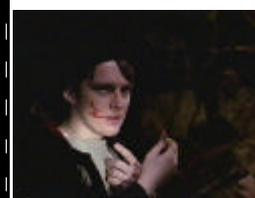
Estas primeiras aulas provocam imediatamente algumas reacções no colégio, nomeadamente, a do professor de Latim que surpreende os alunos a rasgarem as folhas do livro e se apercebe que o fazem com a autorização de Keating.

Um grupo dos estudantes encontra um velho “Livro de Turma” do tempo de Keating. Aí descobrem que Keating pertencia a um tal “*Clube dos Poetas Mortos*”. Curiosos, interpelam o professor no pátio que lhes fala com nostalgia desse pequeno grupo de estudantes que se reunia clandestinamente numa gruta, para “...sugar o tutano da vida...” Entusiasmados, os alunos resolveram retomar a ideia do Clube nessa mesma noite.

Neil Perry, um dos mais activos, inicia as reuniões, como antigamente, com a leitura de um poema de Henry David Thoreau. As reuniões sucedem-se de forma espontânea: lêem poemas, contam histórias, tocam música, cantam, fumam e dançam. Do mais extrovertido, Charlie Dalton, passando pelo mais apaixonado, Knox Overstreet, aos mais “atinados” como Meeks, Pitts e Cameron e acabando em Todd, o mais tímido, cada um tem o seu “espaço”.

Entretanto, Keating continua a surpreender os alunos. Para conseguir ultrapassar a sua animosidade em relação a um nome como o de William Shakespeare, interpreta alguns excertos da sua obra de forma divertida. Para exemplificar como se devem olhar constantemente as coisas de maneira diferente, sobe à secretária, põe-se de pé em cima dela e convida os alunos a fazer o mesmo. Aliás, o incitamento aos alunos não fica por aqui.

Numa aula em que cada aluno tem que ler um poema de sua autoria, Keating força Todd alibertar, perante a turma, a poesia que tem dentro de si. Para o conseguir, faz com que ele solte um grito bárbaro pressionado pelo professor, Todd emociona-se e



cronstroi um poema em plena aula. O professor Keating contempla aquele momento mágico que sempre acreditara possível. Todd libertara-se da sua timidez perante a estupefacção de toda a turma.

Outra originalidade das aulas de Keating consistia em levar os alunos para o exterior. Aí, convida-os a ler um pequeno excerto de um poema antes de chutar uma bola, incita-os a caminhar no pátio do colégio afirmando a sua individualidade com a sua forma particular de andar. O seu objectivo é mostrar-lhes como é difícil, mas fundamental, estar preparado para manter as suas convicções perante os outros.

No comportamento dos alunos começa a notar-se a influência da mensagem de Keating. Cada um encontra a coragem necessária para realizar o seu projecto: Knox, apaixonado por Chris, ousa declarar o seu amor; Charlie escreve um artigo no jornal do colégio, em nome do *Clube dos Poetas Mortos*, a pedir que sejam admitidas raparigas no *campus*; Neil, contra a vontade do pai, decide entrar numa peça de teatro dando assim satisfação à sua decidida vocação de ser actor.

Estes dois últimos acontecimentos desencadeiam reacções muito rápidas. A administração, representada pela pessoa do director Mr. Nolan, interroga Charlie que é severamente castigado e ameaçado de expulsão caso não revele o que é o *Clube dos Poetas Mortos*. A transgressão de Neil é descoberta pelo pai. Embora o seu desempenho na peça seja um sucesso, o pai obriga-o a regressar a casa nessa mesma noite. Aí, comunica-lhe que vai ser transferido para uma escola militar e que pode esquecer o sonho de ser actor. Incapaz de responder – ou de obedecer – Neil suicida-se.

Welton está em estado de choque. Mr. Nolan



convoca uma assembleia onde promete que fará um inquérito exemplar para apurar as razões que levaram ao suicídio de Neil. Do inquérito resultam uma série de acusações contra Keating.

O professor é transferido, não sem antes um grupo de alunos lhe prestar uma memorável homenagem. Na cena final, na aula em que Mr. Nolan substitui o professor “amado”, Keating entra para levar os seus objectos pessoais. Antes de sair, Todd põe-se em pé em cima da secretária e dirige-se-lhe com as palavras mágicas: “Oh, Captain, my Captain”.

Segue-se Charlie, que se levanta na sua secretária e diz também “Oh, Captain, my Captain”. Depois, Pitts. Mais de metade da turma está em cima das carteiras perante o desespero de Nolan e o olhar comovido de Keating. “Obrigado, rapazes”, são as últimas palavras do professor aos seus alunos.



# Análise do filme

## Caracterização do Colégio

O filme começa por dar uma boa caracterização do colégio de Welton. No discurso do director, Mr. Nolan, aquando da cerimónia de abertura do ano lectivo, podem encontrar-se importantes elementos desta caracterização:



“Há cem anos, em 1859, 41 rapazes sentaram-se neste salão e foi-lhes feita a mesma pergunta (...): quais são os quatro pilares?” Os estudantes levantam-se em peso e, em unísono, proclamam: “Tradição. Honra. Disciplina. Excelência.” Nolan continua: “O ano passado, mais de 75% dos nossos alunos foram para as mais prestigiadas universidades. Esta proeza é o resultado de uma ardorosa dedicação aos princípios aqui defendidos. Por isso, os vossos pais nos têm mandado os filhos.”



A referência ao passado do colégio é o elemento determinante. Há toda uma herança do passado que o director não abdica de realçar. Essa é uma das razões pelas quais as famílias mais abastadas mandam os seus filhos para esta escola, instituição que não se limita a ensinar, mas também, e muito claramente, a educar. O prestígio ganho pelo passar dos anos é tal que os pais confiam inteiramente a educação dos filhos ao colégio. Espelho da natureza do colégio são os quatro “pilares”. Tradição, Honra, Disciplina e

Excelência. Eles traduzem um conjunto de valores que, para além de serem matéria por excelência da educação, não escondem a sua vincada natureza conservadora.

Instituição de educação, o colégio funciona também como uma fábrica de preparação de futuras elites, isto é, advogados, médicos, banqueiros. Tudo o que possa desviar os alunos deste objectivo é posto de parte. Um bom exemplo é a conversa entre Neil Perry e o pai que proíbe o filho de participar na realização do livro anual do colégio pois considera que isso o pode fazer dispersar dos estudos. Quando Neil se opõe, o pai é peremptório: “Depois de seres médico, podes fazer o que quiseres. Até lá, fazes o que eu disser”. Esta meta é tão importante, que é necessária a imposição de uma rigorosa disciplina. Nesta perspectiva, o castigo é um recurso frequentemente utilizado. E com o apoio dos pais.



Uma das formas de castigo mais utilizadas em Welton é a violência física. Perante a ousadia de Charles Dalton que, na cena do “telefonema de Deus”, pede o ingresso de raparigas no colégio, Mr. Nolan usa a vergasta para o castigar e obter informações sobre o clube. Mas, a rigidez disciplinar do colégio não se manifesta apenas no uso do castigo físico. A ameaça de expulsão ou o incitamento à denúncia dos colegas são regras conhecidas de todos, como se vislumbra nas palavras de um dos estudantes, Cameron: “Caso não saibas, há um código de honra nesta escola. Se um professor faz uma pergunta, dizes a verdade ou és expulso.”.



Toda este regime disciplinar está bem representado nas cerimónias e rituais do colégio. E estes são momentos que visam mostrar, ostentar, quer para o exterior, quer internamente, a coesão desse regime. Quanto mais organizados forem estes momentos, mais transparece uma imagem de ordem, confiança e prestígio. A “luz do conhecimento” representada pela vela, durante a cerimónia de abertura, ou a forma como os alunos se levantam em bloco para proferir os “quatro pilares”, são disso exemplos flagrantes.



Do mesmo modo, se olharmos para a maneira como são leccionadas as aulas pelos diversos professores encontramos uma rigidez e intransigência que está em consonância com a ordem defendida no colégio. Ou seja, a postura assumida pelo colégio na educação dos alunos influencia os próprios métodos de ensino dos professores. Disto é exemplo o professor de Química que, no primeiro dia de aulas, pede aos alunos que respondam às “primeiras 20 perguntas do fim do primeiro capítulo” para o dia seguinte. Outro exemplo, é o professor de trigonometria que diz que “quem não apresentar os trabalhos feitos terá menos um valor na nota final” e aconselha a não o “porem à prova nesse sentido”.

Ora, justamente, são os valores defendidos pela instituição que vão criar o fosso imenso entre os métodos de ensino tradicionais e os que Keating vai procurar defender, como poderemos ver a seguir.

## As aulas do professor Keating

“Oh, Captain, my Captain”. São estas as primeiras palavras de Keating aos seus alunos. Keating entra na primeira aula a assobiar e leva os alunos até o corredor onde diz essas palavras inaugurais. Ele tem uma abordagem directa, sem rodeios. Logo de início, apresenta o essencial da sua mensagem: “Carpe diem. Aproveitem o dia”. A referência principal é Walt Whitman:

*“Apanha os botões de rosa enquanto podes  
O tempo voa.  
E esta flor que hoje sorri  
Amanhã estará moribunda.”*

São diversos os meios que Keating utiliza para cativar os seus alunos: surpresa, irreverência, imaginação. Por exemplo, o professor não hesita em sair da sala de aula para mostrar as fotografias dos antigos alunos. Esta é uma marca importante do seu tipo de ensino, sair das paredes da sala, abrir-se ao mundo lá fora, dar a ver aos alunos que aquilo que aprendem nas aulas também vive no exterior, que continua a ser realidade para lá daquele compartimento fechado onde passam horas a fio.



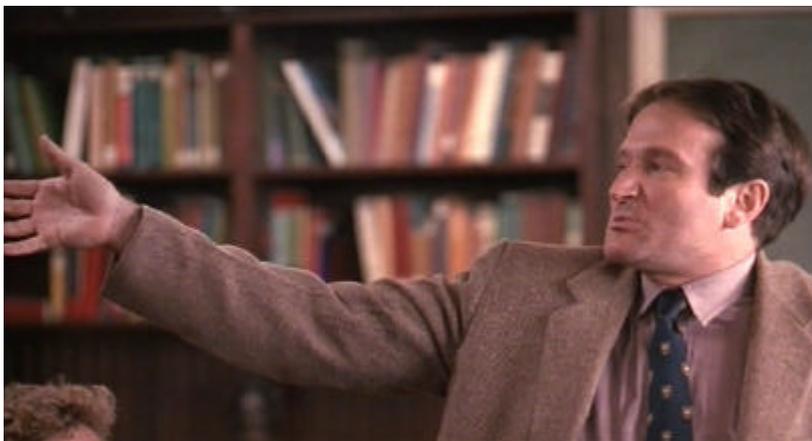
Outro aspecto importante é o facto de Keating manter uma relação mais aberta com os seus alunos do que aquela que o colégio pratica. Isto torna-se evidente no episódio em que Keating manda os alunos rasgarem a introdução do compêndio sobre poesia. Por um lado, Keating não abdica do seu poder de professor para convencer os alunos a cometer este acto rebelde. Por outro lado, a violência desta acção mostra a emergência da mensagem de Keating. A poesia não se mede. “Não lemos e escrevemos poesia porque é ‘giro’. Lemos e escrevemos poesia porque somos membros da raça humana. E a raça humana esta cheia de paixão.”



Keating não receia mostrar as suas convicções, mesmo perante os colegas. Quando o professor de latim entra na sala no momento em que os alunos rasgam as folhas do livro, Keating não interrompe o seu discurso: “Exércitos de académicos avançam medindo poemas. Não! Não teremos isso aqui! Mr. Pritchard, acabou-se!” Digamos que, enquanto professor de poesia, Keating quer-se fiel aos grandes poetas do passado e não às regras de uma instituição. Perante o professor McAllister, não se intimida e assume os seus métodos de ensino. Mais do que um funcionário do colégio de Welton, Keating assume como sua a missão de representar a grande Literatura. Com a sua presença, é a literatura que se torna presente aos seus alunos.



Numa das aulas, Keating aborda os alunos sobre William Shakespeare. A reacção é, como de costume, adversa. Prevendo-a, Keating recorre à imitação de actores famosos a representar de forma grandiloquente alguns excertos de peças do grande escritor inglês. Ou seja, Keating usa aqui uma estratégia que, divertindo os alunos, capta a sua atenção e mostra-lhes que, para lá desse modo empolgado de representar Shakespeare (que ele também condena), há porventura um grande poeta a ser descoberto por todos.



Quando poderia parecer que tinha esgotado a capacidade de surpreender os alunos, Keating sobe para cima da secretária: “Estou em cima da secretária para vos lembrar que devemos olhar constantemente as coisas de maneira diferente (...). Venham ver! Quando pensardes que já sabem uma coisa, experimentem olhá-la de maneira diferente. Mesmo que pareça tolo ou errado devem tentar.” Estamos perante uma outra nota característica do ensino de Keating, um novo acto de rebeldia. Depois de mandar rasgar as folhas do livro, as regras são novamente quebradas. É mais um indicio da tentativa romântica de Keating de sensibilizar os seus alunos para o valor da conquista pessoal de uma perspectiva do mundo. Os alunos são convidados a subir para cima das mesas e fazer a experiência de abandonar o olhar subserviente de quem sempre ocupa a perspectiva inferior em que o aluno está geralmenet colocado e ascender a uma perspectiva superior, elevada, simbolizada pela subida às carteiras.



Mas Keating vai ainda mais longe atrevendo-se a tomar papel activo na busca da “voz” interior dentro de cada aluno. Uma das cenas mais marcantes do filme é disso exemplo. Quando os alunos têm que ler um poema na aula, Todd Anderson, um aluno bastante tímido, é forçado pelo professor a levantar-se e, perante a turma, “soltar” essa voz, a voz de um poeta que o jovem estudante tem em si e que vai ser “arrancada a ferros” no palco da sala de aula. É um dos momentos em que Keating toca mais profundamente os seus alunos. E, ao ganhar a confiança de Todd, Keating aproxima-se decisivamente de cada um dos seus alunos.



Mais uma vez, Keating usa processos inauditos. O grito catártico que solta: “eu solto o meu «yawp» bárbaro sobre os telhados do mundo”, perante um “Mr. Andersen” que “pensa que tudo o que tem dentro de si é inútil e embaraçoso” é simultaneamente um símbolo de libertação e de revolta. E é esta mesma ânsia que leva Keating a propôr aos alunos que, antes de chutar uma bola, leiam, em plena voz, um excerto de um poema.

Keating não se limita a atear o “rastilho da alma” dos alunos. Também se detém para os avisar da “dificuldade de manterem as suas convicções diante dos outros”. Nada melhor do que serem eles próprios a experimentar como é difícil fazê-lo através do movimento dos seus corpos ao andar. Keating pede por isso a cada aluno para ser autêntico perante os olhos do mundo: “(...) acreditem que as vossas convicções são únicas. Mesmo que outros as achem excêntricas ou digam ‘Isso é mau!’. Frost dizia: ‘Duas estradas divergiam num bosque e eu segui a menos utilizada. E foi o melhor que pude fazer’.”



## Os alunos

### Reações de companheirismo e de camaradagem

Uma cena que caracteriza o tipo de conversas que os alunos daquele colégio em geral mantinham uns com os outros é aquela que ocorre quando, no início de um novo ano lectivo, um conjunto de alunos se reúne no quarto de Neil e Todd. Só falam sobre os estudos. Mesmo quando falam das férias que acabaram de passar, limitam-se a referir o que estudaram nesse período. E quando falam do que irão fazer, é sobre os grupos de estudo que devem organizar entre eles.

Quer isto dizer que a mentalidade reinante no colégio chega, praticamente intacta, aos comportamentos dos alunos. Factores como o facto de Welton ser um colégio interno e não serem admitidas raparigas está na origem do limitado tipo de relacionamento que se verifica entre os estudantes. A instituição “cultiva” desse modo em “terreno fértil” para a inculcação dos modelos a seguir.



## Reacções às aulas de Keating

Habituaados a métodos de ensino muito expositivos que raramente pediam a intervenção dos alunos, a primeira reacção às aulas do professor Keating é de surpresa mas também de um certo receio. Assim se explicam os comentários dos alunos à saída da primeira aula: “Foi esquisito”, “Diferente”, “Sinistro”.

Instados a rasgarem livros, a subirem às secretárias ou a soltarem o seu grito bárbaro, os alunos de Welton vêem em Keating a “ponte” que os ligaria a um mundo de liberdade com o qual nunca ousariam sonhar dentro daquelas velhas paredes.

No entanto, esta forma de ver as coisas não atinge em todos os alunos. Cameron é um bom exemplo. Incapaz de perceber o sentido da mensagem de Keating, mostra-se sempre pouco receptivo às suas propostas e, no final, é o primeiro a contestar a figura de Keating.

Em geral, a curiosidade dos alunos desperta muito cedo. Logo após a segunda aula, encontram o livro de turma do ano de Keating, fazendo disso tema de conversa ao almoço.

Depressa a sua resistência inicial é ultrapassada pela fogsidade de Keating e os estudantes transformam-se em discípulos como o mostram os sucessivos episódios das suas vidas que tomam o “Carpe diem” como lema.



## O Clube dos Poetas Mortos

Incentivados pelo relato de Keating sobre o antigo clube dos poetas mortos, um grupo de rapazes decide retomar a ideia original. Surge aqui uma oportunidade para escaparem à vida monótona e disciplinada do colégio. O comportamento dos alunos na gruta, para onde fogem, oscila entre estes dois pólos. Por um lado, os poemas nunca estão ausentes das reuniões; por outro, o tema foge frequentemente da poesia para a pura diversão.



### A mudança dos comportamentos

A máxima “Carpe diem”, transmitida pelo professor Keating, justifica que cada um dos alunos recupere a sua liberdade e natural ousadia e vá alterando o seu comportamento habitual. Neil Perry decide entrar na peça “Sonho de uma noite de Verão” de Shakespeare contra a vontade do pai; Knox Overstreet tenta conquistar Chris, noiva de Chet Danburry; Charlie Dalton, porventura o mais rebelde, viola as regras uma série de vezes: traz raparigas para o *campus*, escreve um artigo ousado no jornal do colégio, ridiculariza a instituição, representada no seu director, em plena assembleia do colégio arriscando-se, destemidamente, a ser expulso.

Apesar de todas estas mudanças de comportamento serem fruto da influência de Keating, este nem sempre tem a consciência do que se está a passar. A própria criação do *clube* não é do seu conhecimento, tal como a inscrição de Neil na peça sem a autorização do pai ou o artigo de Charlie no jornal. Ainda que se possa dizer que e Keating poderia ter previsto o que viria a suceder, a verdade é que ele desconhecia o efeito das suas palavras e nunca incitou directamente as acções dos alunos.



## Relação de Keating com o colégio

A posição de Keating entra, inevitavelmente, em conflito com o colégio. A primeira vez que tal acontece é logo na sua segunda aula, quando o professor de Latim, Mr. McAllister, entra na sala e vê os alunos a rasgarem folhas dos livros. McAllister não se furta a comentar o facto com Keating: “Deu hoje uma aula muito interessante embora de má orientação. Corre um grande risco ao encorajar os alunos a tornarem-se artistas. Quando eles compreenderem que não são Rembrandts, Shakespeares ou Mozarts, vão detestá-lo por isso”. No entanto, Keating justifica a razão da sua aula: “Não falo de artistas mas de livres pensadores”.

Esta mesma posição é defendida por Keating numa conversa com o director do colégio, Mr. Nolan, quando afirma: “Sempre pensei que a educação é aprender a pensar por si próprio.”



É assim que Keating coloca contra si a direcção do colégio que, aquando do suicídio de Neil Perry, encontra uma justificação para o afastar. Ele vai ser o “bode expiatório” de toda a situação. O documento que dita a transferência do professor demonstra bem a forma como a direcção caracteriza o comportamento do professor: “Mr. Keating encorajou os a formarem o clube, como fonte de inspiração de comportamentos indulgentes e comodistas. Dentro e fora das aulas, Mr. Keating encorajava Neil na sua obsessão de representar apesar de saber que isso era contra as ordens dos seus pais. Foi a abusiva posição de Mr. Keating como professor que conduziu à morte de Neil.”

Apesar do previsível fim da sua carreira como professor de Welton, Keating deixa algumas marcas neste espaço tão adverso aos seus métodos. É o mesmo professor de Latim que acaba por diso dar uma clara indicação. Antes de partir, Keating despede-se de McAllister do alto da janela do seu quarto com um aceno de mão algo melancólico. Mas a verdade é que McAllister, seguindo o exemplo de Keating, dava a sua aula no exterior. Digamos que a sua acção pedagógica teve algum impacto na própria instituição. Abre-se uma nova porta para aqueles alunos, talvez aparentemente pequena, mas para um exterior imenso.

## O suicídio de Neil Perry

A morte de Neil Perry surge de forma brutal no desenrolar do filme. Depois de todo o ensinamento de Keating, este trágico acontecimento vem por em causa a sua acção e ditar o seu fim como profedsor de Welton.

Por outro lado, e paradoxalmente, o caminho de Neil em direcção à morte é o oposto do vigoroso apelo de vida que Keating professava.

*“Fui para os bosques para viver deliberadamente,  
para sugar todo o tutano da vida.  
Para aniquilar tudo o que era vida,  
e para, quando morre, não descobrir que não vivi.”*

A sede de vida tão defendida pelo professor parece ter sido mal assimilada. Ter-se-á Neil, sem possibilidade de “sugar o tutano da vida”, recusado a viver? É a morte de Neil que lança um “ponto de interrogação” decisivo sobre todo o filme. Até que ponto é Keating responsável por essa morte? O filme não dá a resposta. Mas a pergunta fica aí, à nossa frente, questionando as nossas próprias convicções pedagógicas e educativas.



## Cena Final

O filme termina em regime de grande ambiguidade. Por um lado, os alunos assinam o documento que acusou Keating mas, por outro, rendem-lhe uma memorável homenagem: a rebeldia do acto de subir à secretária e erguer-se, lá no alto, para manifestar o seu apoio ao professor. Os alunos enfrentam o director do colégio e, sem recelar qualquer possível consequência que daí possa advir, entregam-se à beleza daquele gesto absolutamente libertador das suas almas e gratificante para o professor Keating.

Perante a desgraça que marca a última parte do filme, a cena final surge como uma catarse. O espectador vê com alívio o trabalho de Keating ser reconhecido. É que, para lá de toda a ambiguidade com que a personagem do professor Keating é tratada, esta homenagem final é inteiramente devida a um professor cuja dedicação à disciplina que ensina e aos seus alunos é inquestionável.



## Crítica

Tal como nos propusemos na introdução do nosso trabalho, o olhar crítico que possamos depositar sobre o filme “Clube dos Poetas Mortos” restringe-se ao seu papel educativo. Nesse sentido nos atrevemos a alinhar algumas observações e a deixar em suspenso algumas interrogações.

O filme é peremptório em propor um modelo ideal de professor - o professor Keating. No entanto, cabe-nos a tarefa de discutir essa proposta. Será de facto este professor o modelo de professor ideal?

Começemos por ver quais as consequências do comportamento de Keating para o futuro do seu próprio trabalho como professor. Interessam-nos os acontecimentos do filme que tenham uma marca clara de realismo. O afastamento de Keating do colégio é isso mesmo. Parece-nos bastante provável que, numa situação real, isso viesse efectivamente a acontecer. Coloca-se aqui uma questão importante: perante o seu previsível afastamento, não deveria Keating ter tido maiores precauções na sua actuação? Terá valido a pena passar pela vida daqueles rapazes por tão pouco tempo? Que marcas poderão ter ficado?

A questão em torno da qual o filme se constroi - e que deixa propositadamente em aberto - é em grande medida a do suicídio de Neil Perry. O acto é a todos os títulos exagerado e melodramático. Se porém o aceitarmos como verosímil, nada nos impede de pensar, ou que o professor é dele pelo menos indirectamente responsável (o que é contraditório com a cena em que Neil conta a Keating os seus projectos teatrais e deste recebe o conselho de procurar falar abertamente com o pai sobre essa sua paixão pelo teatro), ou que o aluno o poderia ter cometido mesmo que Keating não tivesse passado por Welton, principalmente se tivermos em conta a brutal intransigência do pai perante a vocação do filho. De qualquer forma, parece-nos indisculpável que o realizador não se tivesse querido comprometer, isto é, tivesse deixado ficar a pairar sobre a figura do professor a mancha incontornável da sua cota-parte de responsabilidade sobre o destino trágico de um dos seus alunos.

Porém, para lá desta questão e do aproveitamento algo demagógico que o filme dela faz, pensamos a questão crucial que este filme coloca é de outra ordem. Nesse sentido, talvez importe começar por assinalar que o tipo de marcas que este professor pode ter deixado nos seus alunos estão essencialmente ligadas ao lema “Carpe diem”. Ou seja, a passagem “relâmpago” de Keating terá sido essencialmente educativa. Keating terá sido mais determinante para a vida dos alunos do que para o seu conhecimento da literatura inglesa. Na verdade, a nível da sua actividade propriamente de ensino, o tempo parece-nos pouco para um trabalho consequente. É certo que os métodos de Keating foram capazes de captar a atenção dos alunos, de despertar o seu interesse para a literatura, em especial pela poesia. E se o colégio fosse outro colégio, talvez Keating pudesse ter ficado o tempo necessário para realizar de forma satisfatória o seu trabalho de professor. Com alunos receptivos, ele teria certamente bons frutos. Porém, o colégio era Welton que Keating bem o conhecia. Nesse sentido, era previsível que a sua passagem seria meteórica, que não teria tempo para ensinar muita literatura. A questão que se pode então colocar é a de saber se, nestas circunstâncias, não terá sido má opção adoptar uma forma tão brutal de passar a sua mensagem educativa? Melhor dito, não terá ele valorizado excessivamente a sua missão educativa com prejuízo do cumprimento das

suas responsabilidades a nível de ensino da literatura? Não teria sido mais adequado escolher uma forma, digamos, mais leve de intervenção educativa? Não teria sido melhor para todos que o professor se tivesse concentrado nas suas tarefas de professor de literatura inglesa? Não seria assim que o lema “Carpe diem” teria talvez mais condições para não se apagar tão cedo da memória dos seus alunos?

Por outras palavras, não é afinal o professor de Latim que tem razão? Será ocasional o facto de, quase no fim do filme, se ver o professor de Latim a passear no pátio com os seus alunos? Ele, que tinha sido o mais sensível aos métodos de Keating, o único que dele se despediu, o único que dele soube recolher algum ensinamento, (nomeadamente, a adopção do ritual peripatético da aula ambulante) não é ele que, finalmente, melhor ilustra as funções de um professor?

A nosso ver, é esta a grande questão que este filme coloca: a da legitimidade de um professor interferir na educação dos seus alunos. E parece-nos não legítimo, pelo menos numa primeira abordagem, que um professor o faça. No entanto, Keating tem uma “desculpa” bastante válida. Afinal, não são estes rapazes poderosamente educados no colégio de Welton. E de que forma! A tradição, a honra, a disciplina, a excelência. A inculcação destes valores na vida dos estudantes faz com que a missão educativa de Keating ganhe uma maior razão de ser. Talvez não podemos incriminar um professor que compreende que a sua missão, enquanto professor de poesia, tem que passar pela vida destes rapazes e que, por essa razão, sente ter o dever de lhes dar, de forma intempestiva, uma nova perspectiva do mundo em que a poesia seja reconhecida com todo o seu valor.

Ora, neste sentido, o papel educativo de Keating ganha uma legitimidade que parecia faltar-lhe. Porquê? Porque encontra a sua justificação ao nível do ensino. O que Keating pretende, inclusivé com o lema “Carpe diem” é que cada aluno faça da sua vida um poema. E não será isto também ensinar literatura?

## Henry David Thoreau



(1817-1862)

Thoreau nasceu numa família de ascendência francesa e escocesa em Concord, Massachusetts, Estados Unidos da América. Cresceu sem dificuldades económicas num ambiente conservador. Estudou em Harvard e começou a sua carreira como professor. Como a profissão não lhe agradava, decidiu seguir o negócio da família (fabrico de lápis de chumbo) e dedicar a sua vida ao serviço da comunidade.

Em 1845, após a morte do irmão, Thoreau decide ir para um local chamado Walden Pond. Aí constrói uma cabana e vive junto da natureza. Vivendo quase em completo isolamento, Thoreau recebia ocasionalmente alguns amigos ou vizinhos curiosos. Como explica: “tinha três cadeiras em minha casa; uma para a solidão, duas para a amizade e três para a sociedade.” Essa experiência dará origem à célebre obra intitulada *Walden*

Thoreau rejeitava todas as formas de autoritarismo e totalitarismo. As suas doutrinas eram absolutamente contrárias a todas as ideologias que colocassem o Estado acima dos direitos individuais. Como dizia, “o governo actua melhor quando não governa”. A título de exemplo da radicalidade das suas posições, refira-se que, porque não acreditava na legitimidade da utilização pública de impostos, foi preso em 1843 pelo acto de desobediência civil de não pagar impostos. Passou a noite na prisão (e estava disposto a passar mais tempo, não fosse uma tia lhe ter pago a fiança).

Os seus ideais políticos tiveram um grande impacto em figuras do século XX, como o Presidente John F. Kennedy e Martin Luther King Jr. Um outro exemplo ilustre é Gandhi que foi decisivamente influenciado por Thoreau, nomeadamente no que diz respeito ao direito de resistência passiva e desobediência civil. Homem de “pensamentos simples mas altos”, é descrito por Emerson da seguinte forma:

“Não estava ligado a nenhuma profissão; nunca casou; vivia sozinho; nunca foi à igreja; nunca votou; recusou pagar qualquer imposto ao Estado; não comia carne; não bebia vinho; nunca fumou tabaco e foi um grande naturalista”

## Escritos de Thoreau

Entre os escritos de Thoreau podem-se encontrar alguns ensaios: “Life without Principle”, “Plea for Captain John Brown”, “Slavery in Massachussets” e “Walking” e os seus livros: *Maine Woods*, *A Week on the Concord and Merrimac Rivers* (1849).

Porém, os trabalhos mais importantes de Thoreau são o já referido *Walden*, que escreveu em 1854, e o clássico do pensamento político *Civil Disobedience*, escrito em 1848. Como escreve:

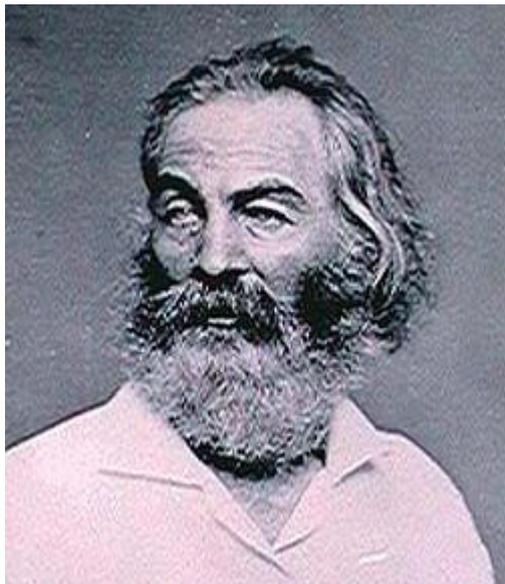
“Existem leis injustas. Teremos nós que nos contentar em obedecer-lhes, esforçar-nos por emendá-las, ou deveremos já transgredi-las?...Eu não hesito em dizer que todos os que se intitulam de abolicionistas deveriam, neste mesmo instante, retirar o seu apoio ao governo de Massachusetts; não deveriam esperar para que constituíssem uma maioria de modo a prevalecerem sobre o governo...Mais, qualquer homem mais justo que os seus vizinhos constitui já uma maioria.”

Trabalho realizado com base nos seguintes sites da *internet*:

[www.biographies.com](http://www.biographies.com)

[www.blupete.com](http://www.blupete.com)

## A Vida de Walt Whitman



Walt Whitman nasceu nos Estados Unidos da América na primeira metade do século XIX. A sua mãe, de nacionalidade alemã, e o pai, de origem inglesa, eram pessoas simples, com alguma educação. A dada altura, a família Whitman possuiu uma grande parcela de terra a qual, no entanto, foi de tal forma reduzida quando Walt nasceu que o pai teve de se empregar como carpinteiro para garantir o sustento da família. Em 1823, mudam-se para Brooklyn onde o seu pai, trabalhando como construtor de casas baratas para artesãos, tinha dificuldade em sustentar a família que, entretanto, tinha aumentado para nove filhos.

Walt, o segundo filho, frequentou a escola em Brooklyn. Começou a trabalhar aos 12 anos de idade no ofício de tipógrafo. Empregou-se como tipógrafo em Nova Iorque, ensinou em várias escolas públicas em Long Island e, mais tarde, tornou-se jornalista. Com 23 anos, editou um jornal diário em Nova Iorque e, em 1846, tornou-se editor do *Brooklyn Daily Eagle*, um jornal relativamente importante da época. Despedido no início de 1848 devido ao seu apoio a uma facção do Partido Democrata, foi para Nova Orleães, onde trabalhou durante três meses no *Crescent* antes de voltar a Nova Iorque via Mississippi e Grandes Lagos.

Whitman passou grande parte dos seu trinta e seis anos percorrendo e observando a cidade de Nova Iorque e Long Island. Espectador frequente de teatro, assistiu a muitas peças de Shakespeare e desenvolveu um grande gosto pela música, especialmente, pela ópera. Enquanto professor, tipógrafo e jornalista, publicou histórias sentimentais e alguns poemas em jornais e revistas que não indicavam um futuro promissor no campo literário.

Durante a primavera de 1855, Walt Whitman reuniu poemas de um novo estilo em número suficiente para publicar um pequeno volume. Incapaz de encontrar um editor, teve que vender a sua própria casa e imprimir a primeira edição de *Leaves of Grass* à sua custa. Nessa primeira edição, não constam nem o nome do autor, nem o do editor. Apenas o retrato de Walt Whitman. Apesar de pouco apreciado, *Leaves of Grass* foi aclamado pelo poeta e ensaísta Ralph Waldo Emerson. Após ler os poemas, escreveu a

Walt Whitman dizendo que a sua poesia era “da mais extraordinária beleza e sabedoria”.

Whitman continuou a escrever no seu novo estilo literário e, em 1856, apareceu a segunda edição de *Leaves of Grass* que continha revisões dos poemas da primeira edição e um novo poema, “*Sun-down*” (que veio a chamar-se mais tarde “*Crossing Brooklyn Ferry*”). A segunda edição também foi um fracasso financeiro e, mais uma vez, Walt Whitman teve que ir trabalhar para um jornal diário, o *Brooklyn Times*. Em 1860, um editor de Boston publicou uma terceira edição de *Leaves of Grass*, melhorada e aumentada. Nesse mesmo ano, foi publicado um volume contendo os poemas “*Calamus*” que retratavam uma crise emocional de alguma intensidade, e o livro “*Premonition*” (mais tarde denominado de “*Starting from Paumanok*”). Em “*A Word out of the Sea*” (mais tarde denominado “*Out of the Cradle Endlessy Rocking*”) há a invocação de alguns sentimentos sombrios, o que acontece também em “*As I Ebb’d with the Ocean of Life*”. Como exemplo de outras obras de Whitman encontram-se: “*Chants Democratic*”, “*Enfans d’Adam*”, “*Messenger Leaves*” e “*Thoughts*”.

**Trabalho realizado com base no site da *internet*:**

[www.britannica.com](http://www.britannica.com)